

ARTIGO

O PAPEL DO TELEJORNALISMO NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS POLÍTICAS: um estudo comparado Brasil/Colômbia



GERMÁN PÉREZ¹

Centro Latino-Americano de Comunicação e Cultura, São Paulo – São Paulo – Brasil

ORCID: 0000-0002-1086-0333

VINICIUS ROMANINI²

Universidade de São Paulo, São Paulo – São Paulo – Brasil

ORCID: 0000-0001-6558-0550

DOI: 10.25200/BJR.v18n1.2022.1398

Recebido em: 09/02/2021

Desk Review em: 13/03/2021

Editor do Desk Review: Lia Seixas

Revisado em: 05/08/2021

Revisado em: 10/10/2021

Aprovado em: 14/11/2021

RESUMO – A partir do estudo de noticiários de TV aberta que cobriram os julgamentos dos ex-presidentes da Colômbia (Uribe) e do Brasil (Lula), o artigo explora algumas das escolhas editoriais feitas pelos dois principais telejornais desses países (Jornal Nacional, da brasileira Globo; e Notícias Caracol, da colombiana Caracol) e analisa o impacto dessas escolhas na construção de narrativas voltadas a produzir efeitos na opinião pública. Apesar do crescente protagonismo das mídias digitais nas sociedades analisadas, arguimos que a quantidade de tempo dedicado ao assunto por esses telejornais e os recursos retóricos usados na apresentação das notícias revelam a intencionalidade de tematizar o debate público, dominando, inclusive, a repercussão nas demais mídias e forçando uma narrativa homogeneizada desses fatos, contribuindo para a polarização política e a propagação do discurso de ódio nas diversas esferas do sistema social.

Palavras-chave: Narrativa. Polarização. Televisão. Política. Jornalismo.

¹ Centro Latino-Americano de Comunicação e Cultura, São Paulo – São Paulo – Brasil. E-mail: cineguache@gmail.com

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – São Paulo – Brasil. E-mail: vinicius.romanini@usp.br

THE ROLE OF LATIN AMERICAN TELEVISIVE MEDIA IN THE PRODUCTION OF POLITICAL NARRATIVES: a comparative study between Brazil / Colombia

ABSTRACT – Based on the study of open TV news that covered the trials of former presidents of Colombia (Uribe) and Brazil (Lula), the article explores some of the editorial choices made by the two main news broadcasts in these countries (Jornal Nacional, from Brazilian Globo and Noticias Caracol, from Colombian Caracol) and analyzes the impact of these choices in the construction of narratives aimed at producing effects on public opinion. Despite the growing role of digital media in the societies analyzed, we argue that the amount of time devoted to the subject by these newscasts and the rhetorical resources used in the presentation of the news reveals the intentionality to thematize the public debate, even dominating the repercussion in other media and forcing a homogenized narrative of these facts, contributing to the political polarization and the spread of hate speech in the different spheres of the social system.

Key words: Narrative. Polarization. Television. Politics. Journalism.

EL PAPEL DE LOS MEDIOS TELEVISIVOS EN LA PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS POLÍTICAS: un estudio comparativo entre Brasil y Colombia

RESUMEN – A partir del estudio de noticias de TV abierta que cubrió los juicios de los expresidentes de Colombia (Uribe) y Brasil (Lula), el artículo explora algunas de las decisiones editoriales de los dos principales noticieros de estos países (Jornal Nacional, de la brasileña Globo y Noticias Caracol, de la colombiana Caracol) y analiza el impacto de estas elecciones en la construcción de narrativas orientadas a producir efectos en la opinión pública. A pesar del creciente papel de los medios digitales en las sociedades analizadas, sostenemos que el tiempo dedicado al tema por estos noticieros y los recursos retóricos utilizados en la presentación de la noticia revelan la intencionalidad de tematizar el debate público, dominando incluso la repercusión. en otros medios y forzando una narrativa homogeneizada de estos hechos, contribuyendo a la polarización política y a la difusión del discurso de odio en los diferentes ámbitos del sistema social.

Palabras clave: Narrativa. Polarización. Televisión. Política. Periodismo.

1 Introdução

O debate contemporâneo sobre a relação entre comunicação e política tem privilegiado o ambiente digital, principalmente o papel das grandes plataformas e suas redes sociais como protagonistas essenciais na construção das narrativas sociopolíticas. Embora este seja um fato inquestionável – confirmado ainda mais pelo advento do uso de Big Data e inteligência artificial para influenciar em diversos pleitos eleitorais desde 2016, como na eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos – agentes da produção noticiosa e de narrativas políticas não ancorados nas plataformas digitais ainda têm um papel importante na massificação de discursos, principalmente na

tematização das questões destinadas a influenciar o processo de formação da opinião pública (McLaughlin & Vélez, 2019; Traquina, 2020)

O estudo do papel fundamental que o noticiário de TV aberta, destinado ao grande público, ocupa na comunicação de massa vem sendo alimentado há quase quatro décadas (Ianni, 1998; Weaver, 1972; Wolton, 1996). Uma das linhas de pesquisa mais amplamente explorada – a dos efeitos sobre os telespectadores – está “voltada para a prospecção e para a avaliação das consequências de certas características típicas do noticiário de TV na cobertura e na exibição da política” (Gomes, 2009). Mesmo havendo consenso sobre o crescente papel que as “novas mídias” digitais desempenham na produção de sentido sobre as narrativas políticas da atualidade (Coleman, 1999; Sampaio, 2010; Hösl, 2019), é inegável que ainda perdura na América Latina uma “barreira digital” ou “exclusão digital” (Martino, 2014) que atinge a base da pirâmide social dos países latino-americanos – e, de maneira muito semelhante, Brasil e Colômbia –, e que faz com que o noticiário da TV aberta, especialmente o do horário nobre, ainda seja a fonte de orientação política massiva dominante.

Para contribuir com as pesquisas sobre as dinâmicas que organizam leituras dos fenômenos em pauta a partir de noticiários de grande audiência TV aberta, propomos realizar a análise de conteúdo de dois telejornais latino-americanos e seu desempenho em situações semelhantes na cobertura de fatos políticos de grande impacto político e social. Os noticiários são o *Jornal Nacional*, do Brasil, transmitido pela Rede Globo, e o *Notícias Caracol*, noticiário colombiano, transmitido pela TV Caracol. Os dois jornais são os mais assistidos nos horários prime em seus respectivos países (Kantar Ibope Media, 2018), sendo, portanto, meios privilegiados para a construção e elaboração de narrativas dos fatos noticiados.

Para isto, tomamos como objeto de pesquisa as emissões que foram ao ar nas datas que cobriram os eventos mais relevantes nos casos propostos para o estudo. Uma vez separadas estas emissões, propomos uma breve contextualização de cada um dos casos. Posteriormente, procedemos à análise da estrutura interna do telejornal assim como das ferramentas audiovisuais utilizadas, dos tempos de falas dos entrevistados e jornalistas e das palavras destacadas. Realizamos, com estes elementos, uma análise comparada dos resultados em busca de similaridades e diferenças na apresentação dos fatos e o uso de recursos para noticiar um momento tão relevante na cena política de cada país. Finalmente passaremos às considerações finais.

As coberturas escolhidas são, no caso do Brasil, a ordem de prisão e a entrega do ex-presidente Lula à Polícia Federal, por força da sentença do ex-juiz Sérgio Moro. No caso da Colômbia, o estudo está focado na cobertura do noticiário da ordem de prisão preventiva contra o ex-presidente Álvaro Uribe, e a posterior remessa do caso à Fiscalía. Ambos ex-mandatários foram os políticos mais populares dos últimos anos em seus países, governaram durante aproximadamente o mesmo período de tempo e se destacaram como referência política e ideológica, ainda que em polos opostos do espectro.

2 Metodologia da pesquisa

Para o presente estudo de jornalismo comparado, realizamos análises de conteúdo (Bardin, 2011) de dois eventos políticos similares e sua cobertura jornalística por parte de importantes telejornais no Brasil e na Colômbia. Organizamos os resultados usando uma técnica híbrida de análise quantitativa/qualitativa (Bauer, 2002), adotando como recorte temporal as datas chave nos dois processos em questão: no caso do ex-presidente Lula, sua condenação e prisão; no caso do ex-presidente Uribe, a ordem de detenção provisória, mudança de jurisdição e posterior liberdade. Analisamos o material colhido com um modelo aberto (Silva, 2005) a partir do qual definimos os elementos para a análise quantitativa: tempos de falas, características audiovisuais, voz ativa e palavras-chave.

Uma vez construída essa base de dados (ver tabelas 1 a 4) fizemos uma análise qualitativa da construção de sentido proposta por cada um dos telejornais, as respectivas escolhas editoriais e como essas escolhas implicam em intencionalidade sobre os acontecimentos estudados. Concluímos que o caráter ideológico está presente em ambas as coberturas (embora mais marcante em uma delas). O resultado do estudo é relevante ao considerarmos o papel político que desempenham esses telejornais na difusão de notícias e construção de opinião pública.

Não sendo objetivo deste artigo ser exaustivo na explicação dos casos, e sim focar na representação midiática de momentos específicos, faremos apenas um breve esboço do contexto no qual se deu cada episódio.

Lula: o caso do ex-presidente Lula começa com o próprio surgimento da operação Lava-Jato em 2014 que, aos poucos, foi

mencionando rumores sobre a possível implicação do ex-presidente nos esquemas de corrupção que estavam sendo investigados. Depois de anos de rumores e denúncias na imprensa, em 2016 Lula é acusado pelo Ministério Público de enriquecimento ilícito e ocultação de patrimônio. Após meses de processos e acusações questionáveis (Proner, 2017), Lula foi condenado pelo ex-juiz Sérgio Moro a nove anos e seis meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Após negociação, Lula se entregou à Polícia Federal, em São Paulo, em abril de 2018.

Uribe: o processo contra Uribe tem início em 2016, a partir da denúncia realizada pelo ex-presidente contra o senador da oposição Ivan Cepeda. Ao ser envolvido na investigação, Uribe acusou Cepeda de comprar testemunhas para forjar sua participação em atos de corrupção. Em 2018, a Corte Suprema de Justiça, responsável por julgar autoridades com imunidade parlamentar, decidiu encerrar o processo contra Cepeda e acusar, com base nas provas encontradas, Uribe dos mesmos crimes antes imputados a Cepeda, abrindo um novo procedimento. Depois de dois anos, a Corte Suprema determinou a prisão preventiva contra o ex-presidente pelos crimes de corrupção e fraude processual (Gomez, 2020). A decisão foi conhecida pelo público através de uma publicação do ex-presidente em seu Twitter, e depois confirmada por comunicado oficial. A decisão passou a ser o tema mais comentado no cenário político colombiano durante as semanas seguintes.

Os telejornais foram definidos por compartilharem características de alcance de público, ao serem os telejornais que, no horário de maior teleaudiência em seus respectivos países, concentram o maior rating entre telejornais (Rating Colômbia, 2020; Kantar Ibope Media, 2018). Compartilham também recursos e conexões com uma grande rede de comunicação, pertencendo tanto o Jornal Nacional como o Notícias Caracol a grupos familiares hegemônicos na posse de veículos de comunicação e fortemente vinculados às estruturas econômicas tradicionais. No caso do Jornal Nacional, a Rede Globo, responsável pela edição do noticiário, faz parte do Grupo Globo, de propriedade da família Marinho, o maior conglomerado de mídia da América Latina. O Canal Caracol, responsável pela edição do noticiário Notícias Caracol, é propriedade do conglomerado de empresas Valorem, que tem à frente a família Santo Domingo. É um dos cinco maiores grupos empresariais da Colômbia e o primeiro na lista dos conglomerados com empresas responsáveis por produtos midiáticos (Forbes, 2020).

O funcionamento dos dois noticiários estudados é muito parecido em seus respectivos países. O Caracol Notícias é transmitido diariamente às 19 horas na Colômbia. O Jornal Nacional vai ao ar às 20h30 regularmente, de sexta a sábado, em todo o território brasileiro. Segundo os sites especializados em medir o rating (ou pontos relativos ao tamanho da audiência por programa e canal) esse intervalo entre 19h e 21h corresponde ao horário em que mais pessoas estão assistindo televisão tanto no Brasil (Secretaria de Comunicação Social, 2016) quanto na Colômbia (Kantar Ibope Media, 2018) – portanto, um período privilegiado para a construção de leituras, principalmente quando ocultadas pela fachada da objetividade da notícia.

Algumas características consolidadas nas pesquisas sobre noticiários de televisão nas últimas décadas têm mantido o foco em eventos eleitorais para evidenciar o encurtamento dos tempos de fala dos políticos em contraste com a crescente presença interpretativa dos jornalistas (Hallin, 1992). Porém, este artigo se alinha com a pesquisa do professor e pesquisador Wilson Gomes, para quem

[...] dada a gramática dominante do noticiário de TV, e admitida a importância deste para a visibilidade pública dos agentes do campo político, [...] trata-se aqui de investigar a distribuição da visibilidade nos noticiários de TV mediante sonoras e outras formas verbais e visuais de apresentação da política. (Gomes, 2009, p. 6).

O corpus para a análise constitui-se por duas edições inteiras do Jornal Nacional, a saber: a edição de 12 de julho de 2017, data em que o ex-presidente foi condenado pelo ex-juiz Sérgio Moro; e a edição de 4 de abril de 2018, data em que Lula se entregou à Polícia Federal em Curitiba. De duas horas de edição (uma hora cada dia) foram separados 77 minutos nos quais o foco foi o processo contra Lula.

Em relação ao noticiário do Caracol Notícias, o programa não disponibiliza integralmente as edições passadas, mas organiza a edição dividida em cliques disponibilizados em seu site e no seu canal no Youtube. Fizemos um levantamento dos vídeos publicados nas datas relevantes para a pesquisa e analisamos aproximadamente oitenta vídeos que foram ao ar nas três datas escolhidas para nosso estudo: 1) a ordem de detenção; 2) a mudança de jurisdição; e 3) a ordem de liberdade. Desse total, selecionamos 15 vídeos que, somados, totalizam quase 60 minutos de tempo dedicado diretamente ao caso em questão.

3 O Jornal Nacional e o caso Lula

Quantitativamente, as edições do Jornal Nacional analisadas dedicam uma atenção especial ao caso Lula. Pesquisas sobre o Jornal Nacional indicam que o tempo dedicado à política em cada edição não costuma superar 20% do tempo total (Gomes, 2009; Porto, 2002). Porém, nos programas analisados, o tempo dedicado à política foi significativamente superior, considerando que o assunto Lula é eminentemente político. No dia em que Lula foi condenado pelo ex-juiz Moro, o noticiário dedicou 31 minutos ao assunto, equivalente a mais de 58% do tempo bruto do programa. Já no dia em que Lula se entregou às autoridades policiais, o tempo dedicado à cobertura desse fato e a sua repercussão foi de 46 minutos, equivalente ao 70% do tempo ao ar do noticiário, uma edição mais longa do normal, com 67 minutos de edição bruta contra os 53 minutos convencionais (ver Tabela 1).

Estes números indicam não só a atualidade, mas, principalmente, a relevância do caso para o debate público naquele momento. Considerando que a autoproclamada imagem dos telejornais do horário nobre (e particularmente o Jornal Nacional da TV Globo) é a de objetividade e neutralidade focada em hard news (fatos recentes e importantes), o tempo de transmissão de um assunto impacta fortemente na visibilidade na esfera pública (Gomes, 2009), produzindo a tematização e agendamento do debate público.

Nesse sentido, podemos pensar que a hierarquia teorizada por Shoemaker e Reese em 1996, e atualizada posteriormente em 2013, pode ser aplicada ainda em ambientes institucionais de produção de conteúdo de notícias. Eles se baseiam na teoria de gatekeeper popularizada desde os anos 50 e analisam os níveis de influência que “formatam a produção do conteúdo de notícias: [estes níveis são] individual, rotinas de mídia, organizacional, extra mídia e ideológico” (Schwalbe, 2015, p. 3, tradução nossa).

Nas edições do Jornal Nacional, observamos que um aspecto dominante nas reportagens mais complexas é a narração quase ininterrupta de um repórter que descreve e explica as imagens, encaixando-as em um fluxo de aparente causalidade que propõe uma narrativa coerente a partir dos fragmentos, privilegiando inclusive alguns personagens no corpo principal da reportagem e deixando para os minutos finais a versão do contraditório. Além disso, a partir da perspectiva do telespectador, o telejornal da Globo vai ao ar entre duas novelas, em momento de ócio e relaxamento diante da finali-

zação do dia de atividades, que coloca o telespectador em estado particularmente receptivo a influências editoriais.

A seguir, colocamos uma descrição dos tempos no interior da edição. Pela predominância da voz, a divisão desses tempos é marcada pela voz que está sendo ouvida, seja em in, isto é, com a imagem da pessoa que está falando, ou em off como voz narradora sobre imagens de apoio.

Tabela 1

Divisão do tempo nas edições do Jornal Nacional

| Edições/ Divisão interna do conteúdo em minutos | Tempo total da edição (sem cortes comerciais) | Tempo dedicado ao caso Lula | Tempo para apoiadores de Lula | Tempo para opositores e outras falas |
|---|---|-----------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| 12 de julho de 2017 | 53 minutos 100% | 31 minutos 58% | 3 minutos e 3 segundos 5,75% | 1 minuto e 1 segundo 2% |
| 4 de abril de 2018 | 67 minutos 100% | 46 minutos 70% | 2 minutos e 33 segundos 3,8% | 3 minutos e 51 segundos 5,7% |

Podemos ver que do total da edição, embora o tempo dedicado ao caso Lula seja muito maior do que normalmente é dedicado a matérias de ordem política, a capacidade de construção de narrativa, ou melhor, de elaboração discursiva a partir da articulação dos fatos envolvidos na história, fica concentrada de forma dominante na voz dos jornalistas. Na tabela indicada (Tabela 1), o tempo não destinado a apoiadores ou outros, é um tempo em que se está descrevendo permanentemente algum fato pela voz dos jornalistas.

Aqui encontramos o primeiro elemento a ser destacado na apresentação de um fato que se enquadra em um contexto tão polarizado e polêmico como foi o julgamento do ex-presidente Lula e os seus desdobramentos. O Jornal Nacional, na sua posição privilegiada de audiência e aparência de imparcialidade (Bucci, 1996), se coloca como responsável tradutor de uma situação. O jornal está em um lugar distante onde apenas se apresenta fatos e resume inocentemente os acontecimentos, ou pelo menos essa é a imagem que defende.

Em seguida, também incluímos uma ficha de análise com as categorias observadas nos aspectos formais da construção do noticiário.

Tabela 2*Categorias de análise nas edições do Jornal Nacional*

| | Ferramentas Audiovisuais | Narração / Texto / Voz | Palavras-chave |
|--|---|--|--|
| 12/07/17 Condenação de Lula pelo ex-juiz Moro | Imagens de Arquivo para apoio ao texto | Leitura do texto da sentença do ex-juiz lido por jornalistas | |
| | Fotos pouco claras. De câmeras escondidas | Falas dos jornalistas como síntese de reações | Crime comum, Juiz Moro, Condenação |
| | Animação: Destaque fragmentos da sentença | Depoimentos das reações | “ninguém está acima da lei” |
| | Animação 3D, oleoduto enferrujado, notas de 100 reais e foto de Lula com condenação. No fundo se lê a palavra “condenado” | | “provas documentais, periciais e testemunhais” |
| | Animação das seguintes fases do processo c/ fotos dos envolvidos (p. ex. desembargadores) | | “Lei é para todos” |
| | Depoimentos das reações | | “PARCIALIDADE” |
| | Depoimento da defesa do ex-presidente | | |
| 07/04/18 Dia da prisão do Lula | Helicóptero | Narração dos fatos do dia pelos jornalistas | “globocop” |
| | Ao vivo, jornalista correspondente nas locações (aeroporos, unidade de detenção em Curitiba) | Fragmentos dos discursos fora do sindicato | “tensão” |
| | Teleobjetiva | Resumo do discurso do Lula pela jornalista âncora | “apoiadores” |
| | Zoom digital / ênfase em fragmentos do quadro | Narração dos próximos passos no processo judicial | “ao vivo” |
| | Edição repetitiva | Moro fala em inglês sem tradução nem legenda | |
| | Narrativa e montagem de tensão (imagens de confrontação entre militantes e detratores, portão sendo arrancado) | | |
| | Jornalista em pé no estúdio do lado da tela com imagens dos ao vivo | | |
| | Imagem de entrevista do ex-juiz Moro | | |

Vemos alguns elementos que permitem questionar essa objetividade em relação às edições em questão. Vamos começar com a edição de 5 de julho de 2017, o momento em que Lula foi condenado pelo ex-Juiz Moro. O jornal começa anunciando que o ex-presidente é o primeiro na história do Brasil a ser condenado por crimes comuns, ênfase que será repetida algumas vezes durante a transmissão.

Após 20 minutos de cobertura sobre os casos de corrupção do governo Temer, o âncora da edição apresenta com seriedade o caso, comenta, pela segunda vez na edição, que a condenação se deu só após o juiz “analisar provas documentais, periciais e testemunhais” (sic). Após a apresentação do caso, o âncora convida os telespectadores a voltarem após o corte comercial. Na saída desse bloco, a imagem de encerramento é uma imagem do rosto de Lula em uma montagem ao interior do estúdio do Jornal Nacional do lado das palavras “corrupção passiva e lavagem de dinheiro” como indicado na Figura 1.

É claro, pela construção narrativa desse episódio, que existe uma leitura dos fatos baseada na palavra do juiz. Isto é evidente, por exemplo, na escolha de dedicar 15 minutos, ou seja, 50% do total da análise à leitura e explicação da sentença. Para fazê-lo, o jornal divide essa explicação entre os âncoras e vozes em off de outros jornalistas acompanhadas por imagens de apoio dos atores mencionados na fala. Principalmente de Lula, imagens do triplex em Guarujá (a suposta prova alegada pelos promotores para demonstrar a propina que teria recebido o ex-presidente Lula para beneficiar a construtora Odebrecht) e uma montagem em 3D de um espaço sombrio e sujo, incluso algumas imagens e montagens com animação, mostram o que parece ser um oleoduto oxidado com notas de R\$ 100 espalhadas, que remete a uma noção do dinheiro oculto, em alusão caricaturesca ao conceito de corrupção presente na sentença (ver Figura 2).

Figura 1

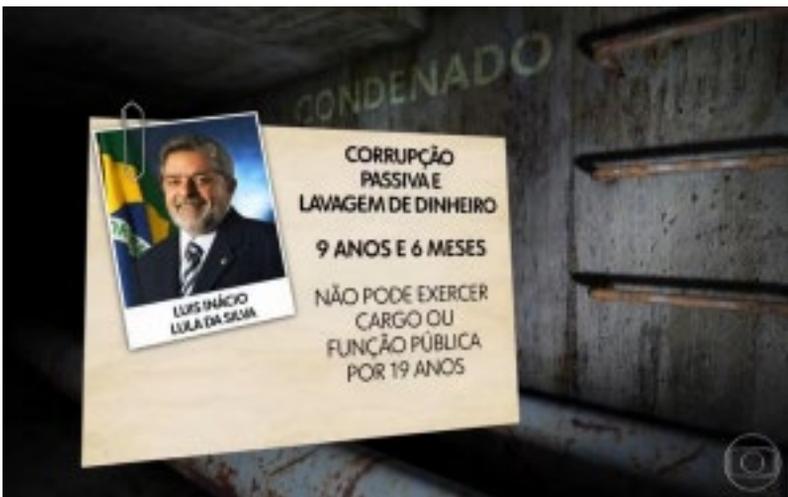
Imagem da edição do Jornal Nacional



Fonte: Jornal Nacional (12/07/2017) ⁵

Figura 2

Imagem da edição do Jornal Nacional



Source: Jornal Nacional (12/07/2017) ⁶

Vemos que, no decorrer da edição, o jornal procura explicar cada um dos elementos probatórios usados na sentença, assim como

deixar indicado como o ex-presidente não conseguiu dar respostas claras pelas quais a única explicação possível seria sua culpabilidade.

A parte que é dedicada à sentença é dominante nessa edição, narrando, embora com a voz dos jornalistas, a palavra do juiz que assinou a sentença, pelo qual, o peso da figura institucional adquire um lugar protagônico no noticiário. As imagens usadas como apoio nas quais aparece o ex-juiz são sempre em falas oficiais, de boa aparência, inclusive sorridente.

Depois de 20 minutos nos quais foi descrita a sentença e o percurso que o processo deverá fazer após primeira instância, o noticiário abre para reações de figuras públicas, inicialmente no Senado. Esse é um fragmento curto, de menos de um minuto, no qual são ouvidos e vistos três senadores do PT (Partido dos Trabalhadores)¹, os quais sempre são apresentados como “investigados” ou “réus na Lava-Jato”² antes de ouvir os argumentos com que condenam a sentença do ex-juiz.

Aqui, a linha editorial perde ainda um pouco mais a descrição e evidência, o que poderíamos perceber como a estratégia de construção discursiva para ler esse acontecimento. A título de exemplo, em 44’27”, a jornalista Camila Bonfim, que está apresentando o fragmento e que tem introduzido os senadores que defendem o ex-presidente aparece em in, falando para a câmara e menciona: “petistas³ já aguardavam essa sentença e já tinham uma estratégia definida: desqualificar a decisão do juiz Sérgio Moro”. A afirmação, apresentada no mesmo tom e na mesma hierarquia formal que outras análises, chama a atenção quando vimos 20 minutos de argumentos que defendem as provas e que organizam a leitura dos fatos desde a própria sentença.

Após falas de senadores que defendem a sentença, tempo proporcional à fala dos senadores que criticam a sentença, contamos apenas 10 segundos a mais a favor dos senadores que celebram a sentença. Aqui entra o encerramento da temática. A edição abre um espaço em in para mostrar por 3’38”, um tempo relevante considerando a distribuição do programa, a fala da defesa em uma declaração oficial em um hotel em São Paulo. Durante esse fragmento a defesa organiza os argumentos e menciona as estratégias a seguir, enfatizando que a sentença foi por um crime que não foi provado.

Esse é o último fragmento de imagens externas ao estudo nessa edição, ao voltar aos âncoras do programa o encerramento do tema é uma lista dos processos que estão ainda abertos contra o ex-

-presidente, mencionados em uma escolha de revezamento entre os âncoras. Após alguns segundos, é possível identificar que há grande número de casos contra o ex-presidente, além do que foi mencionado durante o programa. Expressões como “réu”, “investigado em inquérito”, “organização criminosa”, “fraudar a Petrobras” e “propina disfarçada” encerram a leitura da situação do ex-presidente, para, em seguida, convidar o espectador ao futebol que começa depois da novela.

Ao estudar sobre o lugar do noticiário na televisão, Bucci afirma que “o telejornalismo soube acrescentar, à regra geral da espetacularização, um andamento melodramático, quase como se fosse, ele próprio, uma peça de ficção” (2000, p.27). Dessa forma, o telejornal, inserido na lógica da espetacularização, disputa a atenção do espectador a partir das escolhas feitas para costurar as imagens e textos em uma narrativa coerente.

Vemos que o Jornal Nacional realmente parece ter interiorizado os recursos para se manter na luta pelo protagonismo no campo do entretenimento. O início da cobertura da entrega do ex-presidente Lula parece muito alinhado com isto. A segunda edição analisada, de 6 de abril de 2018, data em que o ex-presidente Lula se entrega à polícia Federal, o noticiário começa com imagens pouco claras, porém nada estranhas ao espectador, já acostumado a imagens desse tipo em programas de TV sensacionalista, que perseguem criminosos ou seguem carros que fogem na estrada.

Analisando as características do telejornalismo como espetáculo, Canavilhas comenta sobre o efeito da transmissão ao vivo:

[A] maximização da emoção é transmitida via informação em tempo real. Se ao directo se associar o imprevisto, então a informação-espectáculo atinge o seu ponto mais alto [...] o directo não permite pontos de vista: as imagens são colhidas em bruto, restando apenas liberdade para comentários. A falta de background conduz à uniformização do comentário e à redundância, já que o acontecimento é apenas o momento. (Canavilhas, 2001, p. 9).

A câmera distante, o zoom digital para facilitar o reconhecimento daquilo que está sendo narrado pela voz, ocasionalmente é necessário inclusive congelar a imagem para ressaltar algum elemento dentro dessa cena desorganizada, tudo compreensível porque afinal está sendo gravado um crime, portanto, a pobreza estética é quase uma ênfase no caráter marginal da situação.

No começo da edição de 7 de abril de 2018, as imagens têm esse mesmo caráter, porém o sujeito seguido pelas câmeras é o ex-presidente Lula nos momentos prévios à sua entrega. Uma vez ini-

ciada a edição, os repórteres âncoras fazem um breve resumo do dia, para passar rapidamente às imagens ao vivo do avião decolando. A imagem em direto é um dos recursos da televisão e de noticiário mais característicos.

A imagem é simples: apenas um avião de pequeno porte decolando. A imagem é pobremente iluminada, repete em uma edição discreta o deslocamento do avião pela pista, e pela montagem podemos pensar que talvez a decolagem aconteceu um pouco antes e agora estamos seguindo o avião por um helicóptero. A jornalista repete várias vezes: “acabamos de ver o avião decolar, aqui no aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo”, “você acompanham com a gente, neste momento, você veem...”. Esse tempo, quase três minutos vendo o avião e sem desenvolvimento de nenhuma ideia além da reiteração com variações das duas frases mencionadas anteriormente, é o preâmbulo do cobrimento da jornada.

A apresentação dos fatos mantém a lógica editorial de todas as edições, predominantemente orientada pela fala de jornalistas que administram a informação para a construção de sentido. As falas de agentes externos ao jornal são de apenas 9,5% do total do programa. Sendo que, desse total, 3,8% são de vozes a favor do ex-presidente (ver tabela 1).

Durante essa edição a narrativa é a recapitulação dos fatos do dia, centrados na figura do ex-presidente que se encontrava no Sindicato dos Metalúrgicos no ABC Paulista⁴. As falas descrevem grandes fragmentos de tempo acompanhadas de imagens de apoio, principalmente imagens do helicóptero e algumas que mostram, em plano geral, o ex-presidente e seus apoiadores no carro de som desde onde foram realizadas as falas do dia. Essas narrações dos jornalistas vêm acompanhadas por fragmentos de falas, uma oração de Dilma Rousseff à qual se dá um tempo representativo (29 segundos), e três fragmentos do discurso de Lula, com cerca de 30 segundos, cada.

Sabendo que o discurso de Lula se estendeu por mais de 10 minutos, um aspecto interessante é a escolha dos fragmentos para resumir o discurso. Foram três fragmentos: no primeiro, Lula critica Moro; no segundo, fala sobre o MST, queima de pneus e as ocupações e passeatas organizadas por seus integrantes; por fim, o corte final de seu comentário sobre as razões pelas quais decidiu se entregar. No total, um minuto e meio de fala editada.

Depois de comentar sobre o resto do discurso e as reações contrárias daqueles que se sentiram atacados pelo discurso de Lula, a edição continua com a descrição do dia, centrada principalmente

em imagens distantes, zooms digitais, e uma constante tensão em que várias vezes se menciona que os apoiadores do ex-presidente estavam causando dificuldades às autoridades, aos cidadãos que não conseguiam se deslocar com tranquilidade e aos próprios jornalistas que foram expulsos quando tentaram gravar perto do grupo de defensores do ex-presidente.

O noticiário faz ainda um grande bloco editado e narrado por vários jornalistas no qual comenta como foi o processo do ex-presidente passando por cada uma das instâncias e como os argumentos da defesa foram invalidados no processo. Um tempo é também dedicado a mostrar onde será o local de reclusão do ex-presidente em Curitiba e como isso foi incluído na sentença. Nesse momento, adicionam um fragmento de alguns segundos de entrevista de Moro, onde fala em inglês sem tradução ou legenda.

Depois do minucioso recorrido pelas instâncias que passou o processo e fragmentos dos juízes e desembargadores usando termos técnicos para descrever os fragmentos ilustrados, o bloco sobre Lula conclui com imagens de vandalismo sobre o prédio da Justiça Federal no Rio, nota que toma mais de três minutos com reforço de falas em entrevistas individuais que condenam o vandalismo e o ataque à instituição da Justiça.

Outros depoimentos prestados em entrevista individual em recinto fechado foram dados por opositores e críticos do ex-presidente, os quais condenaram o discurso e reforçaram a narrativa de que os “poderosos também devem responder perante a justiça”. A única reação contrária à prisão de Lula emitida neste programa foi de um deputado do PCdoB (Partido Comunista do Brasil), com duração total de 13 segundos.

4 Notícias Caracol e o caso Uribe

O material reunido do telejornal da Colômbia corresponde à seleção feita entre os vídeos subidos nas datas relevantes para o estudo como informado na seguinte tabela:

Tabela 3*Número e tempo de vídeos do Notícias Caracol*

| Data de edição | Número de vídeos | Tempo total dos vídeos |
|----------------|------------------|--------------------------|
| 4 de agosto | 7 | 33 minutos e 12 segundos |
| 31 de agosto | 4 | 10 minutos e 47 segundos |
| 10 de outubro | 3 | 15 minutos e 44 segundos |

A difusão do conteúdo adotada pelo canal Caracol é caracterizada pela organização do material das emissões em clipes no canal do YouTube, o que impede a análise da emissão como um todo. Portanto, fizemos uma seleção dos clipes referentes ao caso em análise e postados nessas datas. No primeiro dia aqui estudado, 4 de agosto de 2020, os vídeos se dividem em durações que vão de um a oito minutos.

Dos sete vídeos estudados, podemos identificar com facilidade três como sendo publicados após o conhecimento do fato, ou seja, como reação e organização da informação de última hora. Outros quatro são vídeos publicados no fim do dia com tom e edição mais elaborados.

Nos vídeos da tarde, encontramos um tempo relevante, cerca de oito minutos, para a entrevista por videochamada com dois senadores conhecidos por serem opositores ao governo e, portanto, contrários ao ex-presidente Uribe. Nos fragmentos da noite, se dá prioridade à construção narrativa a partir da perspectiva do jornalista, a recapitulação cronológica dos eventos se dá em cerca de 30 segundos (dentro de um vídeo de 4'21") por meio de um depoimento lido pelo próprio ex-presidente, assim como são dedicados outros 50 segundos para leitura por parte dos jornalistas de tweets que o ex-presidente publicou no decorrer do processo.

Tabela 4

Categorias de análise nas edições de Caracol Noticias

| | FERRAMENTAS AUDIOVISUAIS | NARRAÇÃO / TEXTO / VOZ | PALAVRAS CHAVE (em espanhol) |
|--|---|---|--|
| 04/08/2020 Ordem de prisão contra o ex-presidente Uribe | Tela dividida com jornalistas especializados em diferentes aspectos do caso | Narração dos jornalistas apresentando os vídeos e depoimentos | |
| | Imagens de arquivo de Uribe caminhando em prédios públicos | Narração do Tweet pelo jornalista | |
| | Imagens de arquivo de entrevistas de Uribe | Áudios de interceptações telefônicas do ex-presidente | Corte Suprema de Justicia; Detención domiciliaria; Reacciones; Efectos políticos; Respeto a la justicia; nadie está por encima de la ley; Fraude procesual; Manipulación de testigos; Grabaciones; JEP (Justicia especial para la paz) |
| | Imagens de apoio ao texto | Entrevista à Vítima (senador Cepeda) | |
| | Tweet do Uribe em destaque | | |
| | Arquivo de Uribe fazendo rir jornalistas e acompanhantes | | |
| | Apoios de montagens para ilustrar as interceptações telefônicas | | |
| | Entrevista ao vivo com a vítima do processo | | |
| | Entrevista a senador da oposição | | |
| 31/08/2020 | Imagens de Arquivo dos personagens mencionados | Introdução e explicação de jornalistas | |
| | Depoimentos Especialistas (videochamada) | Apoios de "autoridade" por parte de especialistas | Fiscalia; proceso; Competência; Jurisdição |
| | Depoimentos Partes do caso | Opiniões das partes (advogado do réu e vítima) | |
| | Jornalista em pé no estúdio do lado da tela com imagens dos próximos passos do processo | Opiniões de opositores e simpatizantes do réu | |
| 10/10/2020 | Jornalistas em set | Narração dos jornalistas resumindo os fatos | |
| | Apoio audiência em vídeo | Fragmento da fala da juíza que concede a liberdade | Libertad, juez de garantías, indagatoria, imputación, "gracias a dios" |
| | Ao vivo de jornalista em casa | | |
| | Apoios do ex-presidente em entrevistas e discursos | | |

O tom do noticiário é sóbrio, pouco carregado de elementos visuais, os planos de apoio remetem aos sujeitos que estão sendo mencionados, inclusive repetindo imagens e blocos editados em fragmento da tarde no fragmento noturno. Os conteúdos mantêm tom de indagação, de curiosidade sobre o desenvolvimento dos fatos, alinhados com uma percepção de incerteza constantemente repetida pelo âncora do programa ao afirmar que a situação que pode desdobrar da prisão preventiva do ex-presidente possivelmente vai levar o congresso a “um ambiente polarizado e enrarecido” entre os “apoiadores e opositores do presidente”, afirmação que evidencia o valor atribuído à figura do ex-presidente pelo noticiário.

O segundo dia analisado em relação ao caso Uribe foi 31 de agosto de 2020, data em que foi decidida a mudança de jurisdição do caso. Trata-se de uma mudança estrutural, e é bastante surpreendente o fato de serem apenas quatro clipes com notícias publicadas a seu respeito. Apenas uma delas chega a analisar o que levou a tal decisão, uma especula sobre o futuro do caso, e outras duas dedicam a fala para a parte vítima do processo, o senador Ivan Cepeda.

Dos 10 minutos totais dos quatro vídeos há cerca de quatro minutos de entrevistas e declarações feitas por sujeitos relevantes para o caso – a vítima e o advogado do réu – e de especialistas – ministro da Corte Suprema e ex-fiscal geral da república. Vemos que o noticiário de Caracol baseia sua objetividade na visibilidade das partes, o que permite uma elaboração menos monopolizada da construção narrativa dos eventos.

O terceiro dia analisado foi 10 de outubro de 2020, quando a juíza responsável por essa fase do processo contra Uribe anunciou que o réu deveria ser deixado em liberdade. A decisão foi tomada baseada na mudança da lei que estava regendo o processo e, por isso, a mudança nas regras do processo contra o réu. A cobertura desse fato foi sucinta, quase tímida em relação aos outros dias relevantes para o caso.

O noticiário apresenta a notícia baseado principalmente em imagens tomadas da audiência virtual, na qual a juíza, usando linguagem técnica e jurídica, conclui decretando a liberdade imediata do réu. A análise jornalística está centrada no rigor da lei aplicado no caso, ou seja, uma leitura dos fatos desde o aspecto técnico e evitando avaliações ou posicionamentos políticos. Isto é reforçado pelos convidados, especialistas, ex-funcionários de órgãos judiciais, que se alinham na leitura de que, citando as palavras de um dos convidados “aqui não se

podem avaliar as coisas desde um ponto de vista emocional nem político, mas exclusivamente legal” (Alfonso Iguarán entrevista concedida a Caracol Notícias, 10 de outubro de 2020)⁷ Chama a atenção também o pouco espaço para leituras alternativas da situação, os jornalistas, especialistas e outros convidados estão alinhados com a noção de independência e objetividade da justiça. Há uma menção leve dos jornalistas em off à possibilidade de maior polarização após a decisão da juíza. O que pode também sugerir uma busca editorial para evitar posicionamentos que nutram abertamente a polarização.

5 Elementos para a construção da análise

No desenvolvimento da importância da mídia e das notícias no debate público como articuladoras de uma esfera pública no sentido previsto por Habermas (Barbero, 1991), a função do jornalismo seria a de constituir-se como espaço de deliberação aberto entre o campo do público e o privado, destacando, assim, a sua relação com a política e a defesa da democracia. Dessa forma, a visão Habermasiana “ênfatisa o potencial para uma democracia forte a partir da deliberação pública na esfera midiática”, como comenta o pesquisador e professor John Nerone (2013, p. 488, tradução nossa). Contudo, isso contrasta com uma trágica perda dessa qualidade na atualidade, visto que “desperdiçado na captura da mídia, primeiro pelo mercado e depois pelo capitalismo industrial, à medida que o século 19 cedeu ao século 20” (p. 488).

Em oposição à leitura do papel de controle político da mídia, há também uma análise histórica do papel da mídia na qual é o mercado a força que movimenta o desenvolvimento da mídia e a imprensa, inclusive criando uma cultura da mídia que enfatizava uma neutralidade política e inclusive um certo tipo de “objetividade” (Schudson, 1978). Esses dois aspectos, do mercado e do papel de controle político, têm acompanhado a imprensa desde o século XIX, e, atualmente, é possível enxergar esses elementos ainda presentes nas discussões sobre jornalismo, embora adaptados às grandes revoluções tecnológicas e às crises que têm se somado no processo histórico do jornalismo.

No caso brasileiro, a questão acerca da objetividade precisa ser avaliada considerando outros elementos. É relevante a hipótese levantada pelo pesquisador Afonso Albuquerque (2000) em que propõe que

[...] a imprensa brasileira se define, tal como a americana, como um “quarto poder”, mas concebe o seu papel político em termos muito mais ativos do que esta. Mais do que meramente contribuir para o equilíbrio entre os poderes constituídos, a imprensa brasileira tem reivindicado autoridade para, em casos de disputas entre eles, intervir em favor de um poder contra o outro, a fim de preservar a ordem pública. Por detrás do discurso “americano” sobre o ‘quarto poder’, e de modo não necessariamente consciente, esconde-se um modelo inteiramente distinto acerca do seu propósito, o modelo caracteristicamente brasileiro do “poder moderador”. (Albuquerque, 2000, p. 43)

Esta hipótese, como desenvolvida posteriormente pelo autor, não afirma um consenso a respeito desse poder moderador, nem uma legitimação dele, e sim uma postura elaborada em relação ao contexto sociopolítico no qual o trabalho do jornalista acontece, e com relação ao qual é fundamental analisar também as estratégias adotadas.

Em relação a outro aspecto mencionado por Nerone, sobre como o mercado é um elemento decisivo na captura da mídia, alguns autores concordam em associar características dos telejornais na América Latina, como uma concorrência com outros produtos da mídia como as telenovelas ou os reality shows (Pizarro, 2011; Pellegrini, 2010). Constroem-se, assim, produtos que se nutrem de elementos espetacularizados para manter a efêmera atenção do espectador. Com esses elementos em mente procedemos à análise dos dados levantados na observação dos telejornais.

6 Análise comparada dos resultados

Os dois noticiários nas datas selecionadas para análise estão ante um evento que reflete os desafios éticos e formais da aproximação a fatos centrais de polarizações. O desafio ao pensarmos a ética no trabalho jornalístico não é uma busca de objetividade, mas da compreensão de que, nas palavras de Dennis de Oliveira:

O jornalismo é um processo de seleção ou de escolhas, desde a pauta até a edição, a ética no jornalismo deve se centrar nos critérios que norteiam estas seleções. Quais são os critérios que selecionam os assuntos que merecem ser noticiados, os que norteiam a seleção das fontes, a angulação e a hierarquização das matérias. Em outras palavras, a reconstrução da realidade feita no jornalismo é movida por valores – e é aí que entra a ética jornalística. (Oliveira, 2008, p. 8).

Entendemos, com Oliveira, que é sobre esses critérios que organizam a informação e distribuem as cargas, as escolhas estéti-

cas, a presença dos atores, a hierarquização das falas, que devemos orientar nossa análise. Todos esses elementos contribuem na transmissão dos acontecimentos, na reconstrução e formação de uma narrativa, uma leitura lógica dos fatos encadeados que permite ao espectador construir sentido.

Em contextos polarizados, em que o espaço público está saturado de leituras opostas e carregadas de emoção, acessar o noticiário é se relacionar com um espaço de construção de sentido para grande parte da população, sendo que, de acordo com os últimos estudos, essa continua sendo fonte privilegiada de acesso às notícias tanto na Colômbia como no Brasil (Kantar Ibope Media, 2020; IBGE, 2020).

No seu lugar privilegiado de acesso ao lar do espectador, o telejornal se posiciona como fio integrador de eventos, pois como comenta a pesquisadora Claudia Lago,

Psicólogos culturais afirmam que a nossa tendência para organizar a experiência de forma narrativa é um impulso humano anterior à aquisição da linguagem: temos predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade. (Lago, 2007, p. 145).

O Jornal Nacional dedica uma parte extraordinária da sua edição à cobertura dos eventos relativos ao ex-presidente Lula. Nele vemos uma profunda tendência ao espetáculo televisivo (Sartori, 2014; Nunomura, 2012), incentivado pelas imagens em direto, seguimentos desde o helicóptero a uma tensão latente na apresentação dos eventos, principalmente do dia da entrega às autoridades.

Sobre a edição em que o noticiário faz a análise da sentença, vemos que há procura de um lugar como construtor de narrativa ao tentar alinhar eventos e fatos isolados para construir um sentido interno desde a edição.

As fragmentadas notícias do dia a dia conformam naturalmente integralidades difusas, acontecimentos unitários significativos. As notícias de cada dia podem prolongar a conformação do enredo e retardar o desenlace do acontecimento, como ocorre nos contos e romances. Mas, a busca do leitor é sempre por sentidos unitários, por conexões compreensivas". (Motta, 2004, p. 19).

O sentido unitário que procura ser construído nessa edição está claramente orientado pelas palavras do ex-juiz Moro, sendo que é a própria sentença lida por jornalistas que configura o papel do narrador da edição. Sob a imagem da infalibilidade da justiça e, principalmente, da imagem de herói elaborada ao redor do ex-juiz, parece compreensível essa decisão editorial.

Porém, ao pensarmos em um contexto polarizado, como o existente no momento do julgamento, e os múltiplos estudos que criticam a objetividade da sentença (Proner et al., 2017), podemos inferir um posicionamento claro por parte do Jornal Nacional ao assumir como leitura criadora de sentido um dos polos do contexto.

Dar voz aos dois lados de uma mesma história quando há dois lados que nela se enfrentam, é uma exigência ao mesmo tempo ética e técnica do jornalismo. Procurar a verdade dos fatos é um imperativo ético – e também o objetivo de toda a técnica jornalística. (Bucci, 2000, p. 50).

No caso do canal Caracol, vemos que o noticiário procura construir a leitura do contexto a partir da soma de elementos e com um mínimo de comentários dos jornalistas. A escolha parte da leitura de qual aspecto tido como fundamental, privilegiando-se, assim, os aspectos técnicos do caso, o que, em radical oposição ao tratamento dado ao caso estudado no Brasil com o caso Lula, permitiu que os aspectos morais e políticos envolvidos no processo contra o ex-presidente Uribe ficassem relegados a um plano secundário em relação às questões de procedimentos legais envolvidas.

No dia em que foi decretada a ordem de prisão preventiva contra o ex-presidente Uribe, por exemplo, percebemos uma diversidade de fontes e vozes que respondem à exigência ética e técnica mencionada pelo professor Bucci (2001). A narração está centrada nos fatos e na sentença da corte, embora pouco seja mencionado da mesma, e existe a fala de um magistrado da Corte Suprema explicando a decisão. Vemos também opositores e apoiadores da decisão e, inclusive, escutamos uma conversa recolhida das interceptações ao telefone do réu, permitindo uma percepção mais abrangente dos elementos envolvidos no processo por parte do espectador e fortalecendo uma noção de construção narrativa neutra.

No entanto, no desenvolvimento da história vemos uma mudança. O espaço para falas alheias aos jornalistas está reduzido quase na sua totalidade a especialistas, focados principalmente em aspectos técnicos do processo judicial. A narrativa no decorrer da história se torna uma série de análises jurídicas nas quais os crimes e os elementos políticos e éticos, fortemente criticados pela parte vítima do processo, são apresentados como um aspecto tangencial.

7 Considerações finais

A partir da análise das edições do Jornal Nacional e Notícias Caracol, encontramos que existem algumas diferenças importantes a considerar. Por um lado, os dois noticiários mantiveram durante os governos claras posições editoriais com relação aos ex-presidentes: o Jornal Nacional dificilmente escondeu sua posição de crítica e de oposição ao governo petista e, particularmente, à figura do Lula (Vasconcellos, 2014); enquanto o noticiário de Caracol, embora mais moderado que outros na televisão colombiana, manteve-se alinhado com o discurso do governo Uribe em um tipo de homogeneização ideológica da mídia colombiana à época (Ayala, 2006).

Esses elementos contextuais não são irrelevantes na hora de vermos a figura dos ex-presidentes sendo chamada de novo aos holofotes. O Jornal Nacional, sob a imagem de defesa da lei e o discurso moralista e anticorrupção, encontra um caminho para definir um dos polos da discussão como leitura homogeneizante do contexto, em outras palavras, por trás das palavras dos jornalistas evidencia-se uma tendência para legitimar um posicionamento polêmico como sentido unitário.

Notícias Caracol, por outra parte, mostra uma tendência que busca mais claramente equilíbrio entre as partes, embora é notável o tratamento solene e distante do ex-presidente, perante o qual, poucas vezes é mencionado o teor dos crimes ou explicado em detalhe a sentença, que, por ser considerada – e criticada – como uma sentença “longa”, apenas é mencionada *en passant*.

Assim, no caso colombiano, vemos que a construção narrativa dos fatos isolados mantém uma distância do espectador, principalmente na segunda e terceira data da análise, na qual é notória a abundância de expressões e explicações técnicas e jurídicas que contribuem na leitura de objetividade e infalibilidade da justiça, esvaziando os elementos éticos e políticos relevantes aos crimes em análise, e, com isso, as suas consequências.

Podemos também concluir identificando, no caso do Jornal Nacional, uma evidente posição ideológica que se alinha com a hipótese de Albuquerque (2000) de que, pela postura editorial, se reconhece como ator do poder. Não apenas como um fiscal das ações dos três poderes, mas em uma explícita manifestação de tendência a validar uma postura específica em contexto de intensa polarização e polêmica. Por outro lado, no caso do noticiário Caracol, reconhece-

mos que essa postura ideológica não é explícita, e sim, tácita, ao procurar uma objetividade definida ao dar voz às partes, mais alinhada com um recurso recorrente nos Estados Unidos de deixar a responsabilidade ao público para decidir qual das interpretações descritas é a mais correta (Tuchman, 1993). Porém, a escolha, deliberada ou não, de não acompanhar com maior profundidade o desenvolvimento judicial de um processo dessa relevância, pode ser interpretada como uma posição editorial com claros beneficiários.

O desafio agora dos jornalistas encontra-se no deslocamento do monopólio de construção de narrativas, deslocamento que vemos realizando com a virtualização das relações e a digitalização da informação. Nesse sentido, o desafio está na permanente discussão dos valores éticos e qualitativos do jornalismo no contexto do capitalismo financeiro, assim como a possibilidade de alternativas para uma construção diversa de sentidos para um exercício democrático de fato.

NOTAS

- 1 Partido de esquerda histórico liderado pelo ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva.
- 2 Famosa operação, conhecida pela judicialização de casos de corrupção e pela politização da justiça.
- 3 Denominação para apoiadores ou militantes do Partido dos Trabalhadores (PT).
- 4 Quartel general do sindicato ao qual pertenceu o ex-presidente Lula, localizado na Região Metropolitana de São Paulo.
- 5 Recuperado de: www.globoplay.globo.com/v/6003762/
- 6 Recuperado de: www.globoplay.globo.com/v/6003762/
- 7 (Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5sStk8M2Tak&t=205s>)

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. (2000). Um outro “Quarto Poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. *Revista Contracampo* (4), 23 – 57. DOI: 10.22409/contracampo.v0i04.414
- Ayala Osorio, G., Duque Sandoval, O., & Hurtado Vera, G. G. (2006). *Medios de comunicación y seguridad democrática: de la democracia radical al unanimismo ideológico*. Universidad Autónoma de Occidente.
- Barbero, J. M. (1991). *De los medios a las mediaciones*. Ed. Gustavo Gili.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo: uma revisão clássica. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.189 – 217). Vozes.
- Bucci, Eugênio (1996). *Brasil em Tempo de TV*. Boitempo Editorial.
- Bucci, Eugênio (2000). *A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. Ed. Fundação Perseu Abramo.
- Bucci, Eugênio (2001). Sobre ética e imprensa. Cia das Letras
- Canavilhas, J. (2001). *O domínio da informação-espectáculo na televisão*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.
- Coleman, S. (1999). Can the new media invigorate democracy? *The Political Quarterly*, 70(1), 16 – 22. DOI: 10.1111/1467-923X.00200
- Forbes. (2020). El papel de los millonarios en la Crisis. In *Revista Forbes* (edición especial, pp. 1-21). Recuperado de: https://issuu.com/forbeslatam/docs/forbes_co_millonarios_2020
- Gomes, W. (2009). Audioesfera política e visibilidade pública: os atores políticos no Jornal Nacional. In I. M. M. Gomes, *Televisão e realidade*, (pp. 175-222). EDUFBA.
- Gomez Rojas, G. (2020, 4 de agosto). *Corte Suprema ordena detención domiciliaria del senador Alvaro Uribe*. República de Colombia – Corte Suprema de Justicia. Recuperado de: www.cortesuprema.gov.co/corte/index.php/2020/08/04
- Kantar Ibope Media. (2018, novembro). *La Televisión sigue siendo la pantalla favorita*. Recuperado de: <https://www.produ.com/noticias/kantar-ibope-media-la-television-sigue-siendo-la-pantalla-favorita-en-latam>
- Kantar Ibope Media. (2020) *Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado -21/12 a 27/12/2020*. Re-

cuperado de: <https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/page/8/>

Hallin, D. C. (1992). Sound bite news: Television coverage of elections, 1968–1988. *Journal of communication*, 42(2), 5 – 24. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1992.tb00775.x

Hösl, M. (2019). Semantics of the internet: a political history. *Internet Histories*, 3(3-4), 275–292. DOI: 10.1080/24701475.2019.1656921

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Microdados da amostra Rio de Janeiro*. IBGE. Recuperado de: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaquos_PNAD_continua/2012_2020/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2020.pdf

Ianni, Octavio. *La sociedad global*. Siglo xxi, 1998.

Lago, C., & Benetti, M. (2007). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Vozes.

M, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Editora Vozes Limitada, 2014.

Martino, L. M. S. (2014). *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Vozes.

McLaughlin, B., & Velez, J. A. (2019). Imagined politics: How different media platforms transport citizens into political narratives. *Social Science Computer Review*, 37(1), 22 – 37. DOI: 10.1177/0894439317746327

Motta, L. G. (2004). Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *E-Compós*, (1), 1–26. DOI: 10.30962/ec.8

Nerone, J. (2013). The historical roots of the normative model of journalism. *Journalism*, 14(4), 446–458. DOI: 10.1177/1464884912464177

Numomura, E. Y. (2012). *O mensalão impresso: o escândalo político-midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja* [tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital – USP.

Oliveira, D. (2008). Fronteiras do jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística. *IX Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação*. Recuperado de: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT1013.pdf>

Pellegrini, S. (2010). La pauta como factor de calidad y perfil editorial: análisis de los noticieros de televisión chilenos. *Cuadernos. info*, (27), 25-42. DOI: 10.7764/cdi.27.20

Pizarro, Y. N. (2011). La espectacularización en los noticieros televisivos. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, (116), 109-112. Recuperado de: www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/146

Porto, M. (2002). Novos apresentadores ou novo jornalismo. *O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. Comunicação e Espaço Público*, 4(1-2), 9-31.

Proner, C., Cittadino, G., Ricobom, G., & Dornelles, J. R. (2017). *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Canal 6 Editora LTDA.

Project For Excellence In Journalism. (1998, 6 de março). *Changing Definitions of News*. Pew Research Center. Recuperado de: www.journalism.org/1998/03/06/changing-definitions-of-news/

Sampaio, R. C. (2010). Participação política e os potenciais democráticos da internet. *Revista Debates*, 4(1), 29-53. DOI: 10.22456/1982-5269.12430

Sartori, D. (2014). *O julgamento do mensalão no Jornal Nacional: os recursos dramáticos utilizados na construção da narrativa* [dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital UFRGS.

Schudson M (1978) *Discovering the News: A Social History of American Newspapers*. Basic Books.

Schwalbe, C. B., Silcock, B. W., & Candello, E. (2015). Gatecheckers at the visual news stream: A new model for classic gatekeeping theory. *Journalism Practice*, 9(4), 465-483. DOI: 10.1080/17512786.2015.1030133

Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. (2016). *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Secom.

Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (1996). *Mediating the message*. Longman.

Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (2013). *Mediating the message in the 21st century: A media sociology perspective*. Routledge.

Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações rurais & agroindustriais*, 7(1), 70-81. Recuperado de: www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/210

Traquina, N. (2020). *A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Insular.

Tuchman, G. (1993). A objetividade como ritual estratégico: uma aná-

lise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"* (pp. 74-91). Vega.

Vasconcellos, F. (2014). Os enquadramentos do Jornal Nacional sobre Lula e o escândalo do 'Mensalão'. *Revista Compolitica*, 4(1). DOI: 10.21878/compolitica.2014.4.1.58

Weaver, P. H. (1972). Is television news biased? *National Affairs*, (26-29), 57-74. Recuperado de: https://www.nationalaffairs.com/public_interest/detail/is-television-news-biased

Wolton, D. (1996). *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. Ática.

GERMÁN PÉREZ RODRÍGUEZ. Formado em cinema pela Universidade Nacional de Colômbia, está concluindo a especialização em mídia, comunicação e cultura no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC). Colaboração neste artigo: conceituação, revisão da literatura, metodologia, análise formal e investigação, discussão dos resultados da pesquisa, redação – preparação do projeto original, redação, revisão e edição da versão final. E-mail: cinaguache@gmail.com

ANDERSON VINICIUS ROMANINI. Professor doutor no Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É editor-científico da revista SEMEIOSIS (Revista Transdisciplinar de Semiótica e Design), pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), e do Centro de Lógica e Epistemologia da Ciência (CLE/Unicamp). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Ciência Cognitiva (SBCC) entre 2015 e 2019. Colaboração neste artigo: orientação, discussão dos resultados da pesquisa, revisão e aprovação da versão final do artigo. E-mail: vinicius.romanini@usp.br